

Painel Anarquismos na América do Sul.

Da vida dos arquivos anarquistas contemporâneos no Brasil

Edson Passetti¹

Resumo:

A retomada dos anarquismos no Brasil acontece nos anos 1980 com a lenta extinção da ditadura militar. A proximidade com a universidade foi quase imediata. As novas configurações da sociedade de controle impulsionaram uma atividade constante na Internet que facilitou e ampliou a produção de arquivos anarquistas. Uma nova produção da verdade anarquista começou a ser traçada desde então e referida a este acontecimento procura-se situar uma análise libertária sobre os anarquismos na atualidade.

Os arquivos e bibliotecas nos séculos XVII e XVIII eram expressões de escolha individual. Passaram, desde então, por um redimensionamento que os transformou em espaços para acumulação constante do tempo histórico a ser completado. Formaram-se assim os grandes arquivos, a partir do Estado Nacional. Mas a propósito do *arquivo anarquista* tomado em sua vitalidade, orientando e ao mesmo tempo sendo revisado pelas práticas atuais, ele deve ser visto como *arquivo monumento*, ou seja, aquele que é sempre acionado e revisitado a partir da luta social na produção dos enunciados. Os arquivos anarquistas devem ser também compreendidos a partir da prática libertária universitária atual, que expressa a mudança de referência com base não mais na produção do trabalho manual e os efeitos do industrialismo, mas na preponderância do trabalho intelectual, redimensionando a força de trabalho, muitas vezes em empreendedorismo. É nesta perspectiva que interessa, neste texto, lidar com a produção e manejo dos arquivos anarquistas. Acompanhando Michel Foucault, “chamarei de *arquivo* não a totalidade de textos que foram conservados por uma civilização, nem o conjunto de traços que puderam ser salvos de seu desastre, mas o jogo das regras que, em uma cultura, determinam o aparecimento e o desaparecimento de enunciados, sua permanência e seu apagamento, sua existência paradoxal de *acontecimentos* e de coisas.”². Os anarquistas desde o início foram internacionalistas e arquivaram documentações como registros de lutas, produções de suas práticas, vestígios de sua existência, com as diferentes marcas de todos os lugares, construindo os *seus* espaços de arquivamentos³. Eles os compuseram sua *heterotopia de tempo*⁴, com inúmeras dificuldades,

¹ Edson Passetti é professor livre-docente no Departamento de Política e Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Coordena o Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária). Atualmente é o pesquisador principal no Projeto Temático Fapesp *Ecopolítica. Governamentalidade planetária, novas institucionalizações e resistências na sociedade de controle*. Este texto está também relacionado ao Projeto *Movimento social crítico e alternativo: memória e referências* (FCT n°: PTDC/CPJ-CPO/098500/2008) do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – ISCTE do Instituto Universitário de Lisboa, sob a coordenação do Prof. Dr. João Freire. Agradeço na realização da pesquisa e nas leituras deste texto aos pesquisadores do Nu-Sol: Saete Oliveira, Acácio Augusto, Gustavo Simões e Luíza Uehara.

² Michel Foucault. “Sobre a arqueologia das Ciências. Resposta ao Círculo Epistemológico”. In *Manoel Barros da Mota (org). Michel Foucault. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento Coleção Ditos e escritos II*. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense, 2000, p. 95.

³ O Instituto Internacional de História Social - IHS (Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis — <http://socialhistory.org/>), foi criado em 1935 e sua função é a de “resgatar documentos”. Além de documentos sociais-democratas e comunistas, o arquivo também comporta arquivos anarquistas, considerados os mais completos. Neles estão os de Max Nettlau, Gustav Landauer, Emma Goldman e Alexander Berkman, além da coleção de Lucien Descaves sobre a Comuna de Paris. Sobre a América Latina informa: “depois que a pesquisa sobre o Brasil e a Argentina foi publicada, o

principalmente com perseguições políticas. Assim sendo permanece compreensível porque diversos arquivos mais recentes são de consultas restritas, expressando uma conduta que repercute em segredos, pequenos círculos de poder, acessos restritos abonados, em nome da preservação da consulta por *verdadeiros anarquistas*. Ao mesmo tempo, tais interceptações facilitam outras práticas libertárias desvinculadas de certo aprisionamento aos princípios históricos do passado considerados intocáveis, propiciando novas experimentações, e realçando para além da repercussão ideológica as novas configurações de resistências agenciadas pelas práticas do trabalho intelectual. Os vínculos anarquistas com universidades, ao menos no Brasil, mostram o duplo efeito deste *acontecimento*. Sinalizam tanto para as pertinentes análises sobre os anarquismos na sociedade disciplinar sobre a preservação da memória das práticas anarquistas, como convidam para equacionamentos do discurso anarquista na sociedade de controle, de comunicação contínua, quando a produção material e imaterial não prescinde dos efeitos computo-informacionais, e sob os quais se encontram os anarquismos das mais diversas procedências a partir do uso da internet. Os arquivos anarquistas não devem ser confundidos com *bancos de dados* tão em voga na atualidade, posto que a anarquia é sempre uma *heterotopia de percurso*⁵.

1. Emergência dos anarquismos nos anos 1980-1990.

A retomada dos anarquismos na América do Sul coincide com o fim das ditaduras e a constatação que o anarquismo como movimento e centros de cultura também chegou às universidades. No Brasil, as suas presenças na universidade passaram pela reversão no enfoque do movimento anarquista, não mais abordado somente por meio de teses acadêmicas que relacionavam o movimento à história da classe operária e à fundação do Partido Comunista, na década de 1920, enfatizando sua hegemonia de classe desde então, confinando o anarquismo ao desaparecimento e quando muito relacionado de modo restrito a associações culturais. Eram raros os estudos centrados na existência própria dos anarquismos. A chegada dos anarquismos à universidade brasileira está relacionada, em São Paulo e Rio de Janeiro, à reabertura, respectivamente, do Centro de Cultura Social e do Círculo de Estudos Libertários Ideal Peres, e em Santa Catarina à formação do NAT (Núcleo de Alfabetização Técnica). Todavia no final dos anos 1970, a publicação do jornal *O Inimigo do Rei*, em Salvador-Bahia, retomava a publicação de periódicos anarquistas com um temário bastante controverso, ampliando as históricas reivindicações anarcossindicalistas e introduzindo a anarquia como um estilo de vida, acompanhando as liberações

IIHS e o Arquivo Edgard Leuenroth realizaram uma troca muito importante de microfilmes e microfichas, aumentando enormemente seus acervos. As coleções completam-se porque o IIHS possuía mais material anterior a 1920, enquanto o Arquivo Edgard Leuenroth, muito mais de pós-1920. O IIHS recebeu microfichas de 251 periódicos diferentes e de 979 panfletos; a coleção não se limita apenas ao período anterior a 1940, mas abrange publicações realizadas até por volta de 1960. É impossível fazer cópias dessas microfichas”. Cf. Rudolf de Jong. “Arquivos e história social”. Cadernos AEL. Campinas: Unicamp 5/7, 1996/1997, pp. 9-36. In http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_publicacoes/cad-5/artigo-1-p9.pdf

⁴ “Há igualmente, e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora sejam efetivamente localizáveis. Esses lugares, por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei em oposição às utopias, de heterotopias.” Michel Foucault. “Outros espaços”. In *Manoel Barros da Mota (org). Michel Foucault. Estética, literatura, pintura, música e cinema. Coleção Ditos e escritos III*. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense, 2001, pp. 415. Os anarquistas pacifistas ou revolucionários ”constroem *heterotopias*, lugares de contraposicionamentos no interior dos desvios insuportáveis para a nossa sociedade”. Edson Passetti “Heterotopias anarquistas”. In *Revista Verve* n. 2, São Paulo: Nu-Sol, 2002, p. 142, <http://www.nu-sol.org/verve/pdf/verve2.pdf>

⁵ Edson Passetti. “Vivendo e revirando-se. Heterotopias libertárias na sociedade de controle”. In *Revista Verve* n. 4. São Paulo: Nu-Sol, 2003, pp. 32-55, <http://www.nusol.org/verve/pdf/verve4.pdf>

acentuadas desde o *maio de 1968*⁶. A volta dos centros de cultura levou à associação com a universidade, principalmente na PUC-SP, no evento *Outros 500. Pensamento libertário internacional*, ocorrido em agosto de 1992, no teatro TUCA, em São Paulo. Anarquistas de todos os cantos do Brasil, da América do Sul e da Europa, vieram para o encontro e com eles seu mais recente fluxo composto pelos anarco-punks, marcando, juntamente com outro evento realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, o início de uma relação intensa dos anarquismos com a universidade. Em Campinas, São Paulo, na Unicamp, o arquivo de Egard Leuenroth, com periódicos anarquistas da primeira metade do século XX já estava instalado, desde os anos 1980, por meio de cessão dos herdeiros e recebia um espaço físico especial com equipamentos para consultas de pesquisadores e militantes. O arquivo do Centro de Cultura Social também tinha uma parte disponibilizada ao público, e a outra guardada pelo Coletivo Projeção composto pelos principais resistentes do CCS-SP durante a ditadura civil-militar no Brasil, a saber: Jaime Cubero⁷, Edgard Rodrigues, José Carlos Morel, Ideal Peres⁸ e outros. Na PUC-SP, onde o movimento estudantil, nas décadas de 1980-1990, era marcadamente anarquista (levado adiante pelo Centro Acadêmico de Ciências Sociais), desafiando e desacatando as autoridades ditatoriais, o anarquismo foi incorporado como matéria de estudo regular nas Ciências Sociais a partir de revisão curricular realizada por estudantes e professores de modo paritário em 1988, constando desde então de matéria de investigação e currículo. Ao mesmo tempo, na Unicamp, por meio de professores vinculados à graduação e à pós-graduação em Educação e História, respectivamente Silvio Gallo e Margareth Rago, e mais tarde na Educação da USP com Doris Accioly e Lucia Bruno, responsáveis pelo Arquivo João Penteado sobre a escola moderna anarquista, os anarquismos passaram a ser alvo de estudos a partir de suas características próprias, atraindo jovens pesquisadores atentos às práticas anarquistas como redimensionamento de suas próprias existências. Coincide ainda na década de 1990, em São Paulo, a formação de arquivo de documentos anarquistas esparsos no CEDEM – Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista (Unesp)⁹ e a ampliação do Arquivo do Estado de São Paulo¹⁰. Na PUC-SP a invenção do Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária)¹¹, desde o final dos anos 1990, difunde e pesquisa a abolição do castigo e pratica anarquias. Na mesma ocasião, aparece a revista *Libertárias*, no final dos anos 1990, por integrantes do Nu-Sol, Jaime Cubero do CCS-SP, Editora Imaginário, alguns professores e estudantes. Enfim, a movimentação universitária na década de 1990, aproximou PUC-SP, Unicamp, Unesp, UFSC aos pesquisadores anarquistas de muitas universidades brasileiras., colaborando na formação de arquivos, teses, documentos e registros de práticas contemporâneas. Eles marcaram e marcam relações de amizade intensas e tensas, também solidificadas pela impressão de escritos anarquistas pela Editora Achiamé, no Rio de Janeiro, por iniciativa de seu editor Robson Achiamé, voltando-se para publicações

⁶ Gustavo Simões. “Por uma militância divertida: *O inimigo do Rei*, um jornal anarquista”. In *Revista Verve* n. 11. São Paulo: Nu-Sol, 2007, pp. 168-181, in <http://www.nu-sol.org/verve/pdf/Verve11.pdf>; Carlos Baqueiro e Eliene Nunes. *O inimigo do Rei: imprimindo utopias anarquistas*. Rio de Janeiro: Achiamé/Núcleo de Pesquisas Marques da Costa, s/d.

⁷ Sobre arquivos do CCS, ver “Jaime Cubero e o movimento anarquista no Brasil”. In *Revista Utopia* n. 8. Lisboa, 1998, pp. 60-71.

⁸ O CELIP, Círculo de Estudos Libertários Ideal Peres, no Rio de Janeiro, apareceu em 1985, pela fusão dos antigos militantes do Centro de Estudos Professor José Oiticica (CEPJO), com os novos militantes do Círculo de Estudos Libertários (CEL), que resolveram reativar o anarquismo depois do curso livre *Anarquismo, por novas formas de organização social*, ocorrido em São Paulo, promovido pelo CCS e estudantes libertários do Centro Acadêmico de Ciências Sociais na PUC-SP. Nota-se, também neste caso, que a aproximação dos anarquismos com a universidade também foi definitivo na configuração dos anarquismos a partir da década de 1980 e da reativação de antigas associações, organizações e federações.

⁹ O CEDEM abriga o *Archivo Storico Del Movimento Operario Brasileiro (ASMOB)*, composto de conjunto de material relativo ao anarquismo no Brasil. Este arquivo comporta, basicamente, documentação de Astrojildo Pereira, militante anarquista que se tornou, em 1919, um dos fundadores do Partido Comunista. <http://www.cedem.unesp.br>

¹⁰ <http://www.arquivoestado.sp.gov.br>

¹¹ <http://www.nu-sol.org>

anarquistas históricas e atuais, diferenciando-se da publicação da Editora Imaginário, voltada para escritos de anarquistas históricos e movimento anarquista até a Revolução Espanhola. Com os anarquistas históricos, os heterodoxos, os heterotópicos e os oportunistas circunstanciais, os anarquismos ganharam vida e diversidade, reiterando que a Anarquia produz múltiplos anarquismos e, como todas as implicações do sufixo *ismo*, podem gerar desconfortos, confrontos, separações e perniciosas identidades. Com empolgação e inventividade os anarquismos reapareceram e cresceram nas décadas de 1980 e 1990 e isso se deveu, sem dúvida, às relações com universidades, por meio de arquivos, atitudes de professores, criações de núcleos, estudantes libertários, gente livre querendo invenções de liberdades e familiarizando-se com a comunicação contínua por meio da internet. Os anarquismos, com maior ou menor ênfase, partiram da história do anarcossindicalismo brasileiro e encontraram outros fluxos de liberdade.

2. Antiglobalização, comunicação eletrônica e atualizações.

A década de 1990 trouxe inicialmente, a incontestável novidade do uso do meio eletrônico pelo EZLN – Exército Zapatista de Libertação Nacional. Iniciou-se a produção de fluxos de convocação à participação, próprio da sociedade de controle¹², com divulgação planetária do movimento, contestações, denúncias e emergência de novas práticas. Os anarquistas, rapidamente descobriram a Internet e passaram a não só estabelecer comunicações mais rápidas e objetivas, como produziram variados sítios e provedores, fazendo da Internet a fonte de arquivos transterritoriais, incluindo o *Portal Anarquia*¹³, vinculada à *Wikipédia*. Neste sentido o uso das *ferramentas* eletrônicas manteve-se conectado às tecnologias de poder eletrônicos, cujos controles, entretanto, permanecem hierarquicamente verticais, provocando certo ruído com as perspectivas horizontalizadas das práticas anarquistas. Apesar de um gigantesco arquivo, a Internet, com sítios, enciclopédias e e-mails, também configurou a produção de redes anarquistas (em especial, na América Latina, a destacar a ANARQLAT¹⁴, sediada na Venezuela, a Agência de Notícias Anarquistas, ANA¹⁵, no Brasil, reproduzindo e traduzindo matérias de outros sítios e publicando entrevistas com anarquistas, e A-Infos¹⁶ que divulga tanto as notícias da ANA como de outros sites anarquistas e se identifica como uma agência de notícias multilíngue de, por e para anarquistas), conexões com blogs e grandes arquivos de comunicação contínua e similares redes de relacionamentos. Estes são importantes por ampliarem as possibilidades de conexões e convocações imediatas diante de situações de protestos e confrontações, como o foi desde o final dos anos 1990 com o movimento inicialmente denominado *antiglobalização*. A Internet, o grande arquivo geral da humanidade, está sob o controle de provedores vinculados a empresas, forças armadas e são principalmente governados por Estados, centralizando as informações, fisicamente, em *data centers* privados, que governam as informações na nuvem informática. Os anarquismos se aproveitam deste dispositivo, mas ainda não ultrapassam os arquivamentos convencionais, convocações a encontros locais, regionais, nacionais e internacionais, divulgação de memórias anarquistas, produção de verbetes, anúncios de atividades e postagens gerais. Em geral nota-se, apesar da variedade, a tendência dos anarquismos a serem governados pelo programa de

¹² Posterior à incorporação das sugestões libertárias de Michel Foucault, as contribuições analíticas de Gilles Deleuze passaram a ser trazidas para o interior das análises anarquistas, principalmente relacionadas à definição de sociedade de controle. Ver também *Revista Verve* n. 21 .Nu-Sol: São Paulo, 2012, pp. 323-409.

¹³ A *Anarcopédia* não está diretamente vinculada à *Wikipedia*. Apesar dos usuários serem os mesmos, e do seu criador trabalhar hoje na *Wikimedia Foundation*, a *Anarcopédia* não possui nenhum vínculo com a *Wikipédia*, a não ser por meio do *Portal da Anarquia*, procedente da *Anarcopédia* e a ela conectado. <http://por.anarchopedia.org/anarquismo>

¹⁴ Sobre a formação e atuação do ANARQLAT, ver Daniel Barret (Rafael Spósito). *Los Sediciosos Despertares de La Anarquia*. Buenos Aires: Libros Anarres/Terramar Ediciones/NORDIN, 2011.

¹⁵ <http://noticiasanarquistas.noblogs.org>

¹⁶ <http://www.ainfos.ca/pt/>

organização do movimento de massa, ainda sob a hegemonia do comunismo anarquista de procedência bakunista e kropotkiniana. O reverso da participação rizomática e democrática na Internet produz a variedade de anarquismos, reconhecidos formalmente, porém devendo se ajustar ao governo dos organizados, ou seja, na Internet reproduz-se de outra maneira, ainda a forma moderna *partidária* ou *programática* de organização das massas por uma vanguarda, deslocada do marxismo-leninismo para o mahknovismo, bakunismo ou mesmo conectadas às contribuições mais recentes de Murray Bookchin (ainda que este se distancie, proporcionalmente, tanto do anarcossindicalismo, como forma superada de luta pela incorporação gradativa dos sindicatos às empresas e ao Estado, como das novas tecnologias eletrônicas ao elaborar sua proposta de *municipalismo libertário*¹⁷; entretanto mantém um dos mais profícuos sítios anarquistas como o do *Instituto de Ecologia Social*¹⁸, sediado nos Estados Unidos) e de grande influência, ao menos no Brasil. A considerar, ainda, a influência de intelectuais também procedentes das universidades estadunidenses como David Graeber e Andrej Grubacic, pretendendo atualizar o bakunismo; ou mesmo a de John Zerzan e do chamado *primitivismo anarquista*, renegando a história do desenvolvimento das forças produtivas em função de formas simples e simplórias de associação e alimentação natural. Zerzan e Bookchin, entretanto, são os que mais próximos se apresentam da temática ecológica contemporânea fornecendo materiais reflexivos e analíticos que podem ser usados para contrapor libertarismos a desenvolvimento sustentável, a nova faceta contemporânea do capitalismo, juntamente com as pesquisas recentes do Nu-Sol sobre *ecopolítica*. Arquivos, portanto, são produzidos e disponibilizados na maioria dos casos a quaisquer *cidadãos*, e em poucos casos, são de acesso restrito, condicionados à aprovação prévia consentida dos dirigentes do sítio, tendo em vista preservar o *verdadeiro* anarquismo. Neste quadro, o anarquismo organizado pretende ser hegemônico, verdadeiro e contundente. Como tal ambiciona governar os demais ou confinar o que não for coletivista ao ostracismo, modo pelo qual historicamente, no passado, o coletivismo apartou-se ou subordinou o chamado anarquismo individualista. Em paralelo, reaparece o anarco-terrorismo de maneira a distinguir-se de ambos como situa a *Conspiração das Células de Fogo*, recentemente na Grécia; atitudes radicais como as das *pussy riots* na Rússia, que redimensionam as surpresas trazidas pelo movimento anarco-punk nos anos 1980-1990. Os anarquismos ainda são produtores de atitudes libertárias mais do que efetivas formas de organização e até o momento defrontam-se com as implicações hierarquizadas da comunicação eletrônica; ajustam-se aos seus procedimentos e permanecem refêns da moderna organização de conscientização das massas, pelo simulacro partidário, contrapostas às investidas heterotópicas, estas sim marcando a continuidade disruptiva da cultura libertária. Na América Latina as redes e conexões federativas com organizações caracterizam a atual configuração da comunicação contínua por Internet, evidenciando, como sublinhou o libertário argentino Christian Ferrer, que em qualquer lugar, nos 360 graus do atlas, sempre haverá uma pereba negra anarquista¹⁹.

3. Sob os deslocamentos de fluxos.

Atravessados pelos anarquistas estadunidenses contemporâneos, em sua maioria, provenientes das universidades, e que configuram seus pensamentos principalmente a partir da crítica econômica de Marx e da crítica da política por Proudhon (raramente citado), delimitando o modo de pensar análogo

¹⁷ Acácio Augusto. “Municipalismo libertário, ecologia social e resistências”. In *Revista Ecopolítica* 2. São Paulo: PUC-SP, 2012, pp. 64-98.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/9076/6684>

¹⁸ <http://www.social-ecology.org>

¹⁹ “Na sua época, o panorama futuro dos anarquistas parecia fantasioso ou inquietante, mas hoje nos parece enigmático, para não dizer hieroglífico. Se antes era meio impossível, hoje é quase impensável”. Christian Ferrer. “O futuro das publicações anarquistas de outrora”. In *Revista Verve* n. 21. São Paulo: Nu-Sol, 2012, pp. 13-21.

ao de Mikhail Bakunin, eles situam-se próximos ao *anarquismo científico*, esforço maior de Piotr Kropotkin, para contrapor-se a Marx e ao centralismo bolchevista revolucionário, e para o qual a programática de Nestor Mahkno ajusta-se com acréscimos e substituições recorrentes a Errico Malatesta à construção de um referencial que se pretende *teórico* na atualidade. Almeja-se chegar a uma teoria anarquista da sociedade e da história.

68 situou a questão da vida para além dos objetivos dos Estados nacionais e dos imperialismos e colocou o planeta no centro das discussões, redefinindo as relações com a natureza, longevidade da vida, questionamento das dominações. Entretanto, pela racionalidade neoliberal provocando a ruína no socialismo autoritário soviético ou nele se imiscuindo de maneira lucrativa compondo com a ditadura do proletariado chinês, o planeta passou a ser o grande alvo para introduzir a economia sustentável, com controles ecológicos a média e longa distância, e principalmente redefinindo a força de trabalho como capital humano empreendedor. Sob esta configuração de conexões constantes e democráticas mudaram economia, política e cultura. Todos são convocados a participar de maneira sustentável para o *melhor* planeta, sob as *melhores* condições de vida para hoje e as futuras gerações como configuram as *Metas do Milênio* da ONU, desde o início dos anos 2000. Trata-se de uma utopia capitalista que as formas históricas do anarquismo organizado parecem ainda desconhecer ou lidar somente como efeitos ideológicos e no interior da qual desfruta do desenvolvimento das forças produtivas das máquinas cibernéticas²⁰. Em outras palavras, há uma *atitude anarquista* que colide com a *conduta anarquista* esperada pelo anarquismo organizado, ou seja, enquanto este anarquismo encontra-se *governamentalizado*, as atitudes libertárias desgovernam; no entanto, um procura no ingovernável recompor práticas tradicionais anarquistas, e os outros pretendem dar um fim na política; enfim, o ingovernável, fim e começo da política, encontra-se em tensão no interior dos anarquismos, entre o rumo certo das utopias e as inventividades heterotópicas. Neste sentido é que a atitude dos pesquisadores universitários, oxigenando os anarquismos com as indicações da analítica foucaultiana ou mesmo da deleuzeana, produzem análises capazes de enfrentar, a revelia, tanto a pretensão teórica do anarquismo organizado, como destacar as múltiplas possibilidades de reprodução das heterotopias anarquistas. Se os anarquismos encontram-se ainda sob a tensão entre coletivismo e individualismo, não há como afirmar que se encontram imobilizados, ainda que estejam restritos a fluxos pouco densos e incapazes de produzir força para gerar rizomas, os anarquismos ainda mantêm suas capacidades de produzir heterotopias. Cada qual à sua maneira, e outros que podem vir a se destacar por outros meios, enfrentam as condições atuais, sejam materiais ou imateriais, reproduzindo as *perebas negras*, ou mesmo trazendo para o interior dos novos movimentos de protestos práticas anarquistas que escapem da direção partidária. Nestes termos se a oposição coletivismo/individualismo não é mais suficiente como abrangência descritiva e explicativa em relação aos anarquismos na atualidade, a noção de federação anarquista em termos proudhonianos, relacionada ao mutualismo, merece revisões e complementações, pois a oposição organização/associação não explica mais a continuidade e a proliferação de anarquismos; enfim, as oposições no interior dos anarquismos apenas repercutem as oposições exteriores produzidas pelo capitalismo. *Manter-se no âmbito das dicotomias é reproduzir os sentidos das dominações e buscas por hegemônias*²¹. Os anarquismos precisam saber lidar com a diversidade, afastar-se e suprimir as oposições internas, caso queiram tratar do ingovernável como fim da política, pois mantido o atual quadro, os anarquismos tendem a funcionar como minorias no quadro

²⁰ Um exemplo dessa maneira de se colocar como movimento diante do presente do capitalismo pode ser notado nos documentos produzidos pelo congresso de St. Imier, realizado em 2012. Ver Nu-Sol; Nelson Mendez; I.F.A. *Dossiê St. Imier* in *Revista Verve*. São Paulo: Nu-Sol, vol. 22, 2012, pp. 13-62.

²¹ Ver a respeito *hypomnemata 12*, setembro de 2000, sobre a tentativa inicial de federação anarquista discutida no Brasil, mostrando tensões entre os diversos agrupamentos no Encontro Internacional de Cultura Libertária, realizado de 4 a 7 de setembro de 2000, organizado por Maria Oly Pey, na UFSC. <http://www.nu-sol.org/hypomnemata/boletim.php?idhypom=18>

institucional e governamentalizado da sociedade, muito mais disponíveis a serem capturados por lutas tópicas, próprias dos protestos, ou pelo redesenho da revolução nos moldes modernos do que atravessar as governamentalizações neoliberais, os arquivos e o atual domínio eletrônico, as novas formas da força de trabalho como capital humano, e, pelo avesso, mostrar-se como nova forma do empreendedorismo político-minoritário. Mantendo-se no pensamento dicotômico a oposição dialética estabelecida a partir de Murray Bookchin²² entre anarquismo social e anarquismo estilo de vida passa a ser irrelevante diante das atitudes libertárias. Nota-se que mesmo pelo campo da oposição, o anarcossindicalismo encontra-se em xeque, ainda que os arquivos eletrônicos atuais enfatizem sobremaneira esta perspectiva como a do *verdadeiro* anarquismo.

4. A produção da verdade.

Os anarquismos produzem verdades por suas práticas autogestionárias e não por sua pretensão teórico-organizativa, ainda que estas também se justifiquem em nome da prática da autogestão e da organização federativa. Todavia devem estar atentos à captura não só semântica, mas de esvaziamento dos devidos conteúdos da autogestão por parte de ONGs, fundações e institutos conectados a empresas, Estado e *comunidades locais* de pobres ao controle ecológico, cujo objetivo primordial é o de conter *resistências*, ocupando com estabilidade espaços urbanos e rurais (distinção que cada vez mais se torna supérflua) e reformando consciências. A produção da verdade não se reduz a enunciados filosóficos, ao contrário, estes são produtos de lutas sociais, políticas e culturais. Ao flertarem com a filosofia contemporânea, os anarquismos muitas vezes o fazem com o intuito de nelas reiterar o já anunciado pelo próprio anarquismo desde sua emergência. A situação atual dos anarquismos remete analiticamente, e por outras condicionantes históricas, à recusa da sinonímia entre *anarquista* e *libertário*. Seria mais coerente distinguir, além dos atravessamentos constantes entre eles, o que é anarquismo hoje em dia, hegemonicamente organizado, e libertarismo, como multiplicidades de experimentações de liberdades de viés marcadamente heterotópico. Os arquivos físicos e eletrônicos, governamentais ou pessoais, devem estar franqueados a quem busca liberdade livre de autoridade central e de condutores de consciência, guardadas as precauções contra invasores reativos. Para os candidatos a pastores de rebanhos, discípulos, aspirantes a chegar ao centro do poder, seja comunista, liberal ou anarquista, as técnicas de metamorfose de hierarquias em círculos concêntricos apenas renovam governamentalidades²³. A programática se tornou regra; é aos programas que as condutas devem se ajustar para serem governadas; é às convocações que o rebanho deve democraticamente caminhar para a participação, seja ela econômica, social ou política. As formas da participação na produtividade e no governo da vida devem ser contínuas e incessantes, envolvendo o *controle de si e dos outros*²⁴. É assim que as resistências se metamorfoseiam em *resiliências*, ou seja, expectativas de um sujeito adaptável, inovador, participativo e flexível na sociedade de controle. Estas características da resiliência²⁵ operam em sintonia com a racionalidade neoliberal e, conseqüentemente, definem o empreendedorismo, contaminando as relações anarquistas, não mais pela docilidade das disciplinas, mas pela participação *inteligente* nos variados programas. Os arquivos são para os anarquistas apenas um meio de atíça-los à liberdade; devem provocar a necessária contundência diante da cultura do

²² Murray Bookchin. *Social anarchism or lifestyle anarchism: the unbridgeable chasm*. San Francisco: AK Press, 1995.

²³ Edson Passetti. “De conversa em conversa: *parrhêsia* anarquista”. In *Revista Utopia* n. 21. Lisboa, 2006, pp. 77-84. Edson Passetti e Acácio Augusto. “Para dar um fim aos sábios juízos”. In <http://www.nu-sol.org/agora/agendanota.php?idAgenda=268>

²⁴ Edson Passetti. “Poder e Anarquia: Apontamentos libertários sobre o atual conservadorismo moderado”. In *Revista Verve* n. 12. São Paulo: Nu-Sol, 2007, pp. 11-43. <http://www.nu-sol.org/verve/pdf/Verve12.pdf>

²⁵ Salete Oliveira. “Política e resiliência. Apaziguamentos distendidos”. In *Revista Ecológica* n. 4. São Paulo: PUC-SP, 2012, pp.105-129. <http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/13067/9568>

castigo que redundava sempre em regime da dívida infinita, da fidelidade que justificava os trapaceiros e traidores, da necessidade da prisão e dos asilos, do que irremediavelmente nenhum direito será capaz de equacionar, tampouco um ideal de justiça social. O direito é sempre o exercício da força vencedora, é a forma que a luta pela vida moderna encontrou para amenizar situações díspares e socialmente inaceitáveis, mas que jamais foi capaz de conter o insuportável. O direito, como expunha Proudhon²⁶, somente tem sentido relacionado a um objeto, e, portanto, livre do seu universalismo. Neste sentido, ainda somos reféns do cânon humanista kantiano em que o Estado permanece como a categoria do entendimento.

5. Da memória operária anarquista...

A preservação dos arquivos anarquistas, no Brasil, principalmente pelas medidas de acolhimento das universidades, produz uma duplicidade. De um lado, estão disponíveis às pesquisas que propiciam a ascensão no meio acadêmico, independentemente do viés ideológico; produzem um discurso cada vez mais ampliado e amplificado a respeito da história e memória da classe operária no Brasil. De outro lado, abrem-se para as múltiplas realizações heterotópicas das práticas operárias anarquistas evidenciando, a um pesquisador atento, suas produções sintonizadas com a época, e com anúncios de uma utopia realizável. Os arquivos encontram-se sob o governo das universidades estatais, e neste caso, deve-se salientar que a hegemonia marxista entre os seus docentes, limita a expansão destes arquivos, como acontece com o Arquivo Edgard Leuenroth, na Unicamp, o CEDEM da Unesp, e mesmo os arquivos da Biblioteca Nacional e o Arquivo Nacional. Mas isso é efeito da luta na produção da verdade. Quanto aos arquivos na Internet, mais atuais e que devem postar resultantes de práticas anarquistas e libertárias, eles o fazem, com a ressalva indicada anteriormente, pelos que exigem internautas abonados por autoridades consideradas anarquistas. Eles ainda encontram-se *presos* aos provedores centralizadores e de controle de informação. Todavia, essa pode ser uma situação precária inicial, a ser superada adiante. O importante é que eles fornecem material suficiente aos anarquistas e pesquisadores para levarem adiante suas perspectivas utópicas ou heterotópicas. Expressam, também, a distinção necessária a ser estabelecida, no momento, entre anarquistas e libertários, apesar das rotineiras interpenetrações. Mostram os efeitos da hegemonia dos intelectuais estadunidenses que repaginaram o bakuninismo e que situam a eventual emergência de uma teoria anarquista da sociedade. Trata-se, agora, de estabelecer análises a respeito da metamorfose da classe operária, sob as condições atuais do capitalismo que se configura cada vez mais forte como sustentável, no qual a força de trabalho se transforma em capital humano, por meio das conexões entre sociedade civil e Estado, não mais tomadas como estruturas distintas. Sob estas condições de produção e do pensamento novas memórias tendem a ser descritas, porém a ainda insipiente condição de sua produção não indica marcantes reviravoltas, a não ser a indicada pela aproximação dos anarquismos com a universidade. E, neste caso, a sublinhar, a procura cada vez maior por cursos de graduação e pós-graduação pelos militantes anarquistas, pois é isso que a sociedade de controle exige. Não mais o intelectual profeta procedente do Iluminismo— ainda que esta seja a aspiração de muitos —, mas a presença *ativista* do intelectual *modulador*²⁷, conectando programações voltadas a localizar resistências e modificá-las como *resiliências*. Neste sentido, as pesquisas sobre história e memória das práticas anarquistas, devem estar atentas ao que dela espera a universidade e o Estado, e o que pesquisadores universitários

²⁶ Pierre-Joseph Proudhon. “A Guerra e a paz”. In *Revista Verve* n. 19. Tradução de Thiago Rodrigues. São Paulo: Nu-Sol, 2011, pp. 23-71. Frédéric Gros. *Estados de violência. Ensaio sobre o fim da guerra*. Tradução de José Aparecido da Silva. Aparecida-SP: Idéias e Letras, 2009; Thiago Rodrigues. *Guerra e política as relações internacionais*. São Paulo: EDUC, 2010; Paulo Resende e Edson Passetti. *Proudhon*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1982.

²⁷ Edson Passetti. “Foucault em transformação”. In Lucia Bogus, Simone Wolff e Vera Chaia (orgs). *Pensamento e teoria nas Ciências Sociais*. São Paulo/Brasília: Educ/Capes, 2011.

anarquistas e libertários *querem* destes arquivos para além das ideologias e aquém das verdades verdadeiras, para situarem indícios do ingovernável (uma política anarquista ou uma *antipolítica*) e não mais somente vestígios do que foi no passado a presença marcante do movimento anarquista na formação da classe operária. É voltar a estes arquivos para marcar e remarcar as práticas heterotópicas de época e ao mesmo tempo as heterotopias de percursos na atualidade, dissolvendo a oposição elaborada pelo pensamento entre anarquismo social e anarquismo como estilo de vida. É assim que os arquivos e bibliotecas deixarão de ser propriedades pessoais e de grupos, para manter-se como monumento que sempre foi como acervos disponibilizados às novas práticas libertárias e anarquistas, até que em um exato instante, as duas designações voltem a ser a sinonímia encontrada em momento conturbado por Sébastien Faure e Louise Michel.